

SUNG-YOON LEE

A IRMÃ

A história extraordinária de
Kim Yo-jong,
a mulher mais poderosa
da Coreia do Norte



v o g a i s

Ao meu mentor, o Professor John Curtis Perry

PERSONAGENS PRINCIPAIS

Coreia do Norte

A Linhagem do Monte Paektu

Kim Il-sung: Fundador da Coreia do Norte e da «Linhagem do Monte Paektu». Avô de Kim Yo-jong. Morreu em 1994.

Kim Jong-il: Filho de Kim Il-sung e Líder Supremo de 1994 até à sua morte em 2011. Pai de Kim Jong-un e Kim Yo-jong.

Kim Jong-un: Filho de Kim Jong-il e Líder Supremo desde 2011. Irmão mais velho de Kim Yo-jong.

Kim Yo-jong: Filha de Kim Jong-il e irmã mais nova de Kim Jong-un.

Kim Jong-chul: Filho de Kim Jong-il e irmão mais velho de Jong-un e Yo-jong.

Kim Ju-un ou **Ju-ae:** Filha de Kim Jong-un. Nascida por volta de 2010.

Outros membros da família Kim

Hong Il-chon: Primeira mulher de Kim Jong-il. Casada em 1966, mas afastada pouco depois do nascimento de Kim Hye-kyong.

Jang Song-thaek: Marido de Kim Kyong-hui e durante muito tempo braço direito de Kim Jong-il. Executado em 2013 ou 2014.

Kim Chun-song: Filha mais nova de Kim Jong-il e de Kim Yong-suk. Meia-irmã de Jong-un e de Yo-jong.

Kim Hye-kyong: Filha primogénita de Kim Jong-il. A mãe é Hong Il-chon.

Kim Jong-nam: Filho mais velho de Kim Jong-il, nascido de Song Hye-rim. Outrora presumido herdeiro nomeado pelo pai. Assassinado em 2017 por ordem do meio-irmão mais novo, Jong-un.

Kim Kyong-hui: Irmã mais nova de Kim Jong-il.

Kim Sol-song: Filha mais velha de Kim Jong-il e de Kim Yong-suk. Meia-irmã de Jong-un e de Yo-jong.

Kim Yong-suk: Segunda mulher de Kim Jong-il. Mãe de Sol-song e Chun-song.

Ko Yong-hui: Companheira de Kim Jong-il. Mãe de Jong-chul, Jong-un e Yo-jong.

Ri Sol-ju: Mulher de Kim Jong-un.

Song Hye-rim: Amante de Kim Jong-il e mãe de Kim Jong-nam.

Altos funcionários norte-coreanos

Choe Hwi

Choe Son-hui

Choe Thae-bok

Hyon Song-wol

Jo Yong-won

Kim Chang-son

Kim Hyok-chul

Kim Jong-gak

Kim Ki-nam

Kim Song-hye

Kim Yang-gon

Kim Yong-chun

Kim Yong-nam
Pak Jong-chon
Ri Myong-je
Ri Son-gwon
Ri Yong-ho
U Dong-chuk

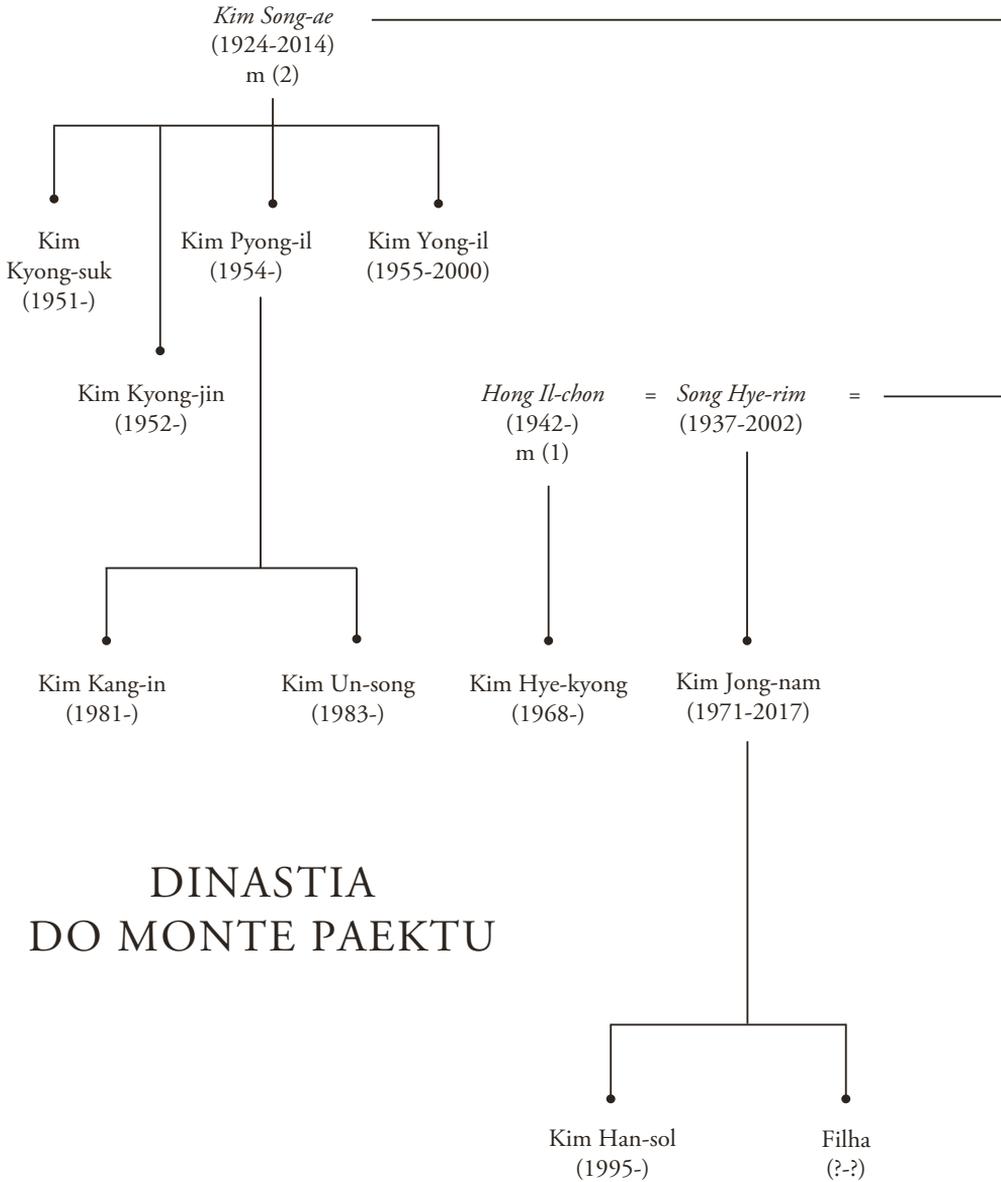
Coreia do Sul

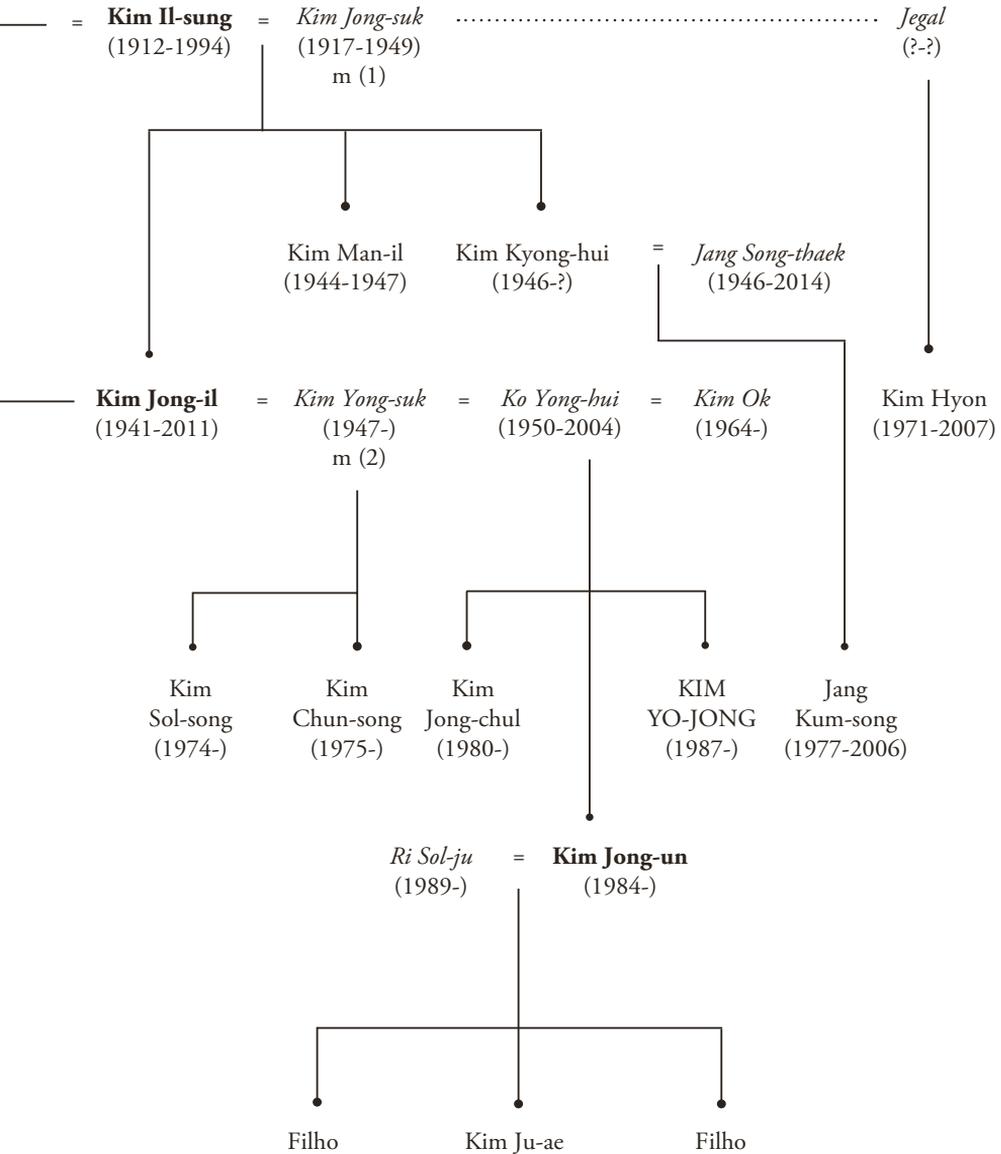
Presidentes

Kim Dae-jung (1998-2003)
Roh Moo-hyun (2003-2008)
Lee Myung-bak (2008-2013)
Park Geun-hye (2013-2017)
Moon Jae-in (2017-2022)
Yoon Suk-yeol (2022-presente)

Outros responsáveis sul-coreanos

Cho Myoung-gyon: Ministro da Unificação de 2017 a 2019.
Chung Sye-kyun: Primeiro-ministro durante a presidência de
Moon Jae-in.





CAPÍTULO 1

Surge a Princesa

Sob um céu nebuloso de fevereiro, um avião descia para o Aeroporto Internacional de Incheon, na Coreia do Sul. A bordo iam vinte e três passageiros: cinco altos funcionários, três jornalistas e todos os restantes guarda-costas. Um desses passageiros, porém, era mais importante do que os outros.

Às 13h46, pela hora oficial da Coreia, no dia 9 de fevereiro de 2018, o Ilyushin-62 da era soviética que servia de avião pessoal do líder da Coreia do Norte, batizado *Chammae-2* (Milhafre-2, inspirado na ave nacional da Coreia do Norte), pousou na pista. Era a primeira vez que um indivíduo da «Linhagem do Monte Paektu», como se autodenominam os descendentes diretos do fundador dinástico da Coreia do Norte, Kim Il-sung, pisava solo sul-coreano desde que o próprio fundador da Coreia do Norte o fizera em julho de 1950, um mês depois de invadir o Sul. Porém, não se tratava do líder norte-coreano corrente, Kim Jong-un, sendo esta uma «invasão» norte-coreana completamente diferente — uma que a maioria dos sul-coreanos acolhia favoravelmente.

Depois da aterragem, foram nove minutos a rolar pela pista até chegar ao portão de desembarque. Os que assistiam pela televisão, ansiosos por terem o primeiro vislumbre de tão importante personagem, foram depois contemplados com trinta

e cinco minutos dos contornos do avião estacionado e nada mais: a cauda com uma enorme estrela vermelha, o emblema nacional e «República Popular Democrática da Coreia» grafado em coreano ao longo da fuselagem.

Quando uma manga de ligação foi estendida até ao aparelho, o apresentador de uma das principais estações noticiosas norte-coreanas que cobriam o acontecimento suspirou de desilusão. Afinal, os espectadores não iam testemunhar o desembarque solene da importante figura.

A primeira imagem do visitante nos ecrãs, variável consoante o canal televisivo, surgiu volvidos mais de quarenta minutos de reportagem. O chefe nominal da missão norte-coreana, Kim Yong-nam, saiu do edifício do aeroporto e entrou no primeiro de dois sedás pretos. Em seguida, acompanhada de muito perto por um corpulento guarda-costas masculino norte-coreano e por uma guarda-costas sul-coreana, uma mulher de constituição franzina percorreu a dezena de passos até ao segundo automóvel. O olhar dela era fixo e a postura ereta, como se se sentisse à-vontade ao ser o centro de um momento histórico como aquele.

Tudo acontecera demasiado depressa, lamentava-se um dos comentadores televisivos, e aquela visão de relance fora parcialmente bloqueada por uma estrutura. Porém, mesmo nesses escassos segundos, uma coisa tinha ficado clara. A visitante, observou um perito, era conhecida pela abstenção de maquilhagem carregada... e, não obstante, parecia estar a usar ali a maquilhagem mais densa que alguma vez se lhe vira. Que significado poderia ter aquilo? Teriam a certeza de que era ela? Ainda assim, era empolgante, cismava o especialista, porque a camada de sombra nos olhos devia ser algo positivo, dando a entender que ela, empenhada na aproximação intercoreana, levava a sua missão muito a sério.

Alguns minutos depois, quando a comitiva automóvel se pôs em movimento, viu-se outro guarda-costas norte-coreano surgir do lado oposto do carro da jovem e, juntamente com o primeiro, correr ao lado do veículo antes de saltarem para um SUV que fechava o cortejo. O destino era a estação da KTX (Comboio Expresso da Coreia) inserida no complexo aeroportuário, de onde a delegação viajaria para Gangneung, a leste, no moderno comboio de alta velocidade da Coreia do Sul. Sem dúvida que o comboio seria uma experiência em primeira mão dos numerosos pontos de doloroso contraste entre os dois Estados coreanos.

As estações televisivas transmitiram e retransmitiram esses breves e preciosos segundos da caminhada para o automóvel. Alguns comentadores identificaram um par de altos funcionários norte-coreanos que tinham saído depois do aeroporto. «Esperem!», disse de repente um dos locutores. «Temos algumas imagens dela antes, na sala VIP.»

O novo trecho de vídeo, reproduzido vezes sem conta, não desapontava. Os espectadores tinham finalmente uma boa visão da estreante enquanto ela fazia a sua muito aguardada «entrada em palco» na Sala de Recepção VIP do terminal do aeroporto. Kim Yong-nam entrou primeiro, escoltado pelo seu anfitrião sul-coreano, o ministro da Unificação, Cho Myoung-gyon. Após alguns passos, Kim deteve-se e olhou para trás, como se o afligisse a possibilidade de estar a adiantar-se à sua colega mais importante. Esse olhar fez com que todas as cabeças se virassem e então a mulher do momento entrou com um ligeiro sorriso. As câmaras zuniram. Ela conservou o seu porte impecavelmente ereto, com os olhos fixos em somente dois ou três pontos da sala, para evitar dar a mínima impressão de estar animada ou ansiosa.

Era Kim Yo-jong, irmã mais nova do Líder Supremo da Coreia do Norte, Kim Jong-un. O irmão governa como monarca

absoluto, mas ela não era somente um membro da realeza sem verdadeiro poder, como o irmão mais velho de Jong-un, Jong-chul. Pelo menos desde 2014 que ela chefiava o poderoso Departamento de Propaganda e Agitação da nação. Era ambiciosa. Como filha mais nova de Kim Jong-il, líder de segunda geração da Coreia do Norte, fora sempre profusamente mimada desde muito tenra idade. Tanto o pai como a mãe a tratavam por «minha querida princesa Yo-jong» ou «Princesa Yo-jong». O pai desde sempre lhe reconhecera os talentos e a argúcia política. Em breve, também o mundo acabaria por percebê-los.

Enquanto os principais delegados norte-coreanos eram conduzidos no desembarque do avião, comentadores das cadeias televisivas tinham referido o significado histórico do momento e informado os espectadores sobre o itinerário previsto de Kim Yo-jong nas cinquenta e seis horas seguintes, embora ainda houvesse muito para determinar. Porém, uma coisa era certa: o acontecimento mais importante seria, no dia seguinte, a visita da Menina Kim ao presidente sul-coreano Moon Jae-in na Casa Azul, gabinete e mansão presidencial, seguida de um almoço. Talvez ela trouxesse uma carta pessoal do irmão? Talvez Kim Jong-un pudesse até sugerir que os dois líderes se encontrassem um dia pessoalmente? Outra cimeira intercoreana, a primeira em mais de uma década — quão empolgante seria para as esperanças de paz na península coreana? (No dia seguinte, ela entregou de facto uma carta dessas.)

Também fora confirmado que, mais para o fim desse dia, a delegação norte-coreana assistiria à cerimónia de abertura das Olimpíadas de Inverno em Pyeongchang, na costa leste, a cerca de duas horas e meia de Incheon em comboio de alta velocidade. Não teria passado despercebida à delegação a ironia histórica de Kim Yo-jong aterrar em Incheon, a cidade na costa oeste da península onde, em 1950, uma operação militar

crucial invertera a tendência da guerra coreana em detrimento de Pyongyang. Nessa tarde, os norte-coreanos iriam encontrar-se com o presidente Moon pela primeira vez, ainda que só para serem fotografados. Kim Yong-nam, o chefe nominal da delegação, com 90 anos, estaria na cerimônia de recepção e no jantar da véspera da abertura dos jogos e interagiria um pouco com outros líderes mundiais; Kim Yo-jong apareceria mais tarde na própria cerimônia de abertura. Ficaria no camarote real da tribuna, presumivelmente sentada muito perto do presidente Moon.

O anfitrião sul-coreano tinha muitos dignitários a quem dar atenção: o vice-presidente dos Estados Unidos Mike Pence; o presidente alemão Frank-Walter Steinmeier, com quem poucos não europeus estavam familiarizados; o primeiro-ministro japonês Shinzo Abe, que muitos sul-coreanos injuriavam; o presidente do Comitê Olímpico Internacional, Thomas Bach, encantado com a presença dos norte-coreanos; e outros que talvez tivessem menos em jogo. Durante a cerimônia, atletas de ambas as Coreias desfilariam em conjunto sob uma única bandeira peninsular azul — um simbolismo que também requereu um histórico aperto de mão intercoreano entre Kim Yo-jong e o presidente Moon. Talvez a Menina Kim se sentasse com Kim Yong-nam poucas filas abaixo do presidente Moon? Talvez se sentasse algures na vizinhança do vice-presidente dos Estados Unidos? Talvez tivesse de passar diante do Sr. Pence, ou ele diante dela, enquanto eram ocupados os lugares — acabariam por apertar mãos? Esse seria um momento muito especial.

Na sala VIP do aeroporto, os anfitriões sul-coreanos indicaram a Kim Yong-nam que ocupasse o lugar central à mesa em frente do ministro Cho, o chefe do corpo de recepção. Porém, o experiente nonagenário conduziu avisadamente a princesa de 30 anos para que fosse antes ela a ocupar esse lugar principal.

Com um sorriso amplo e generoso, ela fez um gesto para o homem mais velho, apontando o lugar do centro com a mão esquerda para conceder a honra. Ele protestou brandamente; ela abriu a mão e os olhos exprimiram um sorriso tranquilizador. «Ela é tão amável!», observaram insistentemente os analistas sul-coreanos, demasiado animados para reparar que os dedos estendidos de Kim Yo-jong eram menos um gesto de respeito do que a patroa a dizer ao seu subordinado que se sentasse. Se se tratasse de um gesto de genuína deferência pela idade, Kim Yo-jong tê-lo-ia feito com ambas as mãos a formarem vagamente uma concha.

O tom imperioso, a autoridade e a autoconfiança instiladas desde tenra idade não se prestam à modéstia, a menos que a ocasião o exija. Naquele momento, ela exalava serenamente arrogância e não respeito. Por outro lado, três meses depois, ao visitar a China com o irmão, a Menina Kim ofereceria de bom grado uma profunda vénia de 90 graus ao presidente Xi Jinping, tal como voltaria a fazê-lo em junho de 2019, durante a visita de Xi a Pyongyang: era preciso mostrar deferência para com o chefe do Estado chinês. Contudo, os sul-coreanos eram para ela inferiores. A realeza do Monte Paektu era a verdadeira liderança coreana, ao passo que o Sul era um mero fantoche dos Estados Unidos. Afinal, a dinastia adotava o nome da lendária montanha onde se tinham instalado os acampamentos militares a partir dos quais Kim Il-sung vencera finalmente os colonizadores japoneses em 1945, antes de fundar o Estado norte-coreano, segundo a narrativa oficial norte-coreana. E Kim Yong-nam, sendo um funcionário considerado, só podia ser um subalterno da neta de Kim Il-sung.

Nesse momento, porém, muitos sul-coreanos que tinham aprendido tudo isso na escola, estavam momentaneamente esquecidos. «Ela não é só bonita, mas também cortês», discorriam

os comentadores, descurando, nesse momento raro e entusiasmante, que a «imagem simples e desprezível» da Menina Kim era produto de um estilo de vida extremamente favorecido e de decoro régio premeditado. Como o irmão, ela sabia comportar-se com o grau adequado de imperiosidade em público.

A Menina Kim ocupou o seu lugar com Kim Yong-nam à sua esquerda. À esquerda dele estava Ri Son-gwon, um coronel desbocado do exército feito chefe da Comissão para a Reunificação Pacífica da Pátria, a principal agência norte-coreana a ocupar-se das conversações com o Sul, e que em janeiro de 2020 seria nomeado ministro dos Negócios Estrangeiros. À direita da Menina Kim sentava-se o seu antigo subordinado do Departamento de Propaganda e Agitação, Choe Hwi, na altura presidente da Comissão Estatal de Orientação da Cultura Física e Desportos. Como a própria Menina Kim, Choe fora alvo de sanções do Departamento norte-americano do Tesouro desde janeiro de 2017, em reação aos «graves abusos dos direitos humanos e atividades de censura» do regime norte-coreano¹. Tais questões não foram abordadas antes, durante ou depois da visita especial.

O encontro oferecia um panorama insólito, com os norte-coreanos a conservarem os casacos de inverno vestidos sobre os fatos. Os altos funcionários ter-se-iam oferecido para lhos guardar, mas os visitantes do Norte — que também podiam tê-los deixado com os seus próprios assistentes — teriam recusado cortesmente, não porque sentissem frio no interior do aeroporto, mas para mostrar que preferiam prosseguir com a visita e só aceitavam a sessão fotográfica como gesto de boa vontade. Kim Chang-son, primeiro-secretário de Kim Jong-un no Secretariado da Comissão de Assuntos do Estado, que chefiava ocasionalmente delegações norte-coreanas em conversações com

o Sul, e cuja prioridade na viagem era dar assistência à princesa, permaneceu de pé junto à porta. Mordomo de confiança — e, portanto, poderoso — da família, servira-a ao longo de décadas.

O ministro Cho iniciou uma conversa superficial, observando como o tempo se tornara subitamente mais quente. «As visitas importantes do Norte trouxeram um tempo quente à Coreia do Sul», disse com um sorriso. Com efeito, pelos padrões do inverno coreano, estavam uns brandos 7 °C. Kim Yo-jong permanecia sentada em silêncio, de costas direitas e rosto notavelmente despido de expressão. Do lado oposto da mesa, os anfitriões sul-coreanos conservavam os sorrisos amplos.

A Menina Kim usava um casaco preto com gola larga e punhos de pelo, acentuado por um único grande botão redondo na linha do decote. Não trazia colar nem brincos, nem tinha as orelhas perfuradas. Usava uma única mala de mão pendurada no ombro esquerdo. Via-se-lhe agora uma leve sombra tom de pêssego e um toque de lápis nos olhos. Vislumbraram-se *leggings* cor de pêssego claro e botas de pelo negro. Posteriormente, percebeu-se que usava um relógio de prata, mas não trazia pulseiras. Como era revelador o seu gosto casto em matéria de moda, arrulharam os jornalistas. Segundo o jornal *The Washington Post*, os espectadores «encantaram-se com a maquilhagem quase invisível [de Kim Yo-jong] e a ausência de adornos vistosos. Comentaram a sóbria indumentária em preto e a bolsa simples. Referiram o gancho em forma de flor que lhe apanhava o cabelo num estilo prático»².

Outro plano aproximado de Kim Yo-jong que passou infundavelmente nas cadeias televisivas sul-coreanas foi a sua descida pela escada rolante do aeroporto de Incheon. Kim Yong-nam foi o primeiro da delegação norte-coreana a descer, exibindo o seu ligeiro sorriso fixo, com dois guarda-costas colados a ele. Kim Yo-jong desceu rodeada por três guarda-costas

norte-coreanos e uma guarda-costas sul-coreana, de queixo bem levantado e exibindo um passo de modelo na passarela, de olhar fixo e resolutivo. Atrás dela vinha Kim Song-hye, uma rara alta funcionária do Comité para a Reunificação Pacífica da Pátria que tinha participado em várias rondas de negociações com a Coreia do Sul, e que também integraria a delegação norte-coreana que visitou o presidente Donald Trump na Casa Branca a 1 de junho de 2018, volvidos somente onze dias da primeira cimeira de Trump com Kim Jong-un em Singapura. Seguia-se Kim Chang-son e depois os funcionários formalmente mais destacados, Choe Hwi e Ri Son-gwon.

A sequência era um instantâneo não só da posição de Kim Yo-jong na delegação norte-coreana, mas também de uma peculiaridade na cultura política norte-coreana, em que cargos e títulos oficiais iludiam muitas vezes a verdadeira hierarquia e dinâmica do poder, e as vidas dos membros do governo e dos generais de quatro estrelas dependiam muitas vezes dos caprichos de um verdadeiro detentor do poder de nível hierárquico muito mais baixo. Claro que a posição de Kim Yo-jong era ímpar: mesmo no fundo da hierarquia do Comité Central de 250 membros do Partido dos Trabalhadores da Coreia, ela podia, por capricho, ordenar a execução de qualquer um deles, com exceção do irmão. Do mesmo modo, Kim Chang-son e a secretária pessoal da princesa, Kim Song-hye, tinham maior influência do que figuras de posição mais elevada na delegação, como Choe e Ri.

Nos dois dias que se seguiram, a misteriosa e jovem princesa de Pyongyang tinha cativado a Coreia do Sul sem fazer muito mais do que caminhar, estar sentada, jantar, falar ocasionalmente, sorrir raramente, apertar mãos, fazer sombra a Mike Pence enquanto permanecia sentada acima dele nas bancadas

das Olimpíadas, e olhar com bastante frequência de forma condescendente para os sul-coreanos com quem se encontrava, incluindo o presidente Moon Jae-in. Não fez uma única declaração pública nem deu nenhuma entrevista.

Não obstante, era o tema de conversa da nação, e também muito para lá da península. A cobertura jornalística de Kim Yo-jong continuou a ser excessiva desde o primeiro momento da sua visita até partir a bordo do avião do irmão a horas já tardias de 11 de fevereiro. Como a imprensa não deixou de recordar ao público, a visita dela à Coreia do Sul era a primeira por convite a um membro da realeza norte-coreana. O mundo, incluindo o presidente Moon e os seus colaboradores, ficou a olhar pasmado. Um fascínio a raiar o fetichismo seguiu-a para onde fosse, aumentado pela feminilidade dela e pelas esperanças do Sul de dialogar com o irmão. O simples facto de comparecer no Sul fazia dela uma estrela internacional. Observadores da princesa, de Tóquio a Washington, opinaram sobre os seus gostos simples em matéria de moda, o seu comportamento régio, a sua modéstia, o seu tom imperioso, autoconfiança, recato e sorriso afetado de Mona Lisa.

Ela própria não transmitiu nenhuma mensagem clara ao povo sul-coreano ou ao mundo. Todavia, levava a tal carta pessoal do irmão a convidar o presidente Moon a visitar Pyongyang, o que tornava a sua presença ainda mais estimulante. Se os irmãos Kim estavam a maquinar para tirar partido do alvo mais fraco da sua vizinhança geopolítica — ou seja, quem quer que ocupasse a Casa Azul como líder eleito da Coreia do Sul —, com vista a progredir para um alvo um pouco mais difícil na pessoa do presidente Donald Trump, tratava-se de matéria de análise tão complexa a ponto de ser desnecessária. A princesa de Monte Paektu estava ali, na Coreia do Sul. A presença dela em carne e osso, devidamente acolitada e rodeada pelos

guarda-costas reais do irmão, só poderia significar que as duas Coreias estavam à beira de um acontecimento que faria história. Pressagiava, no mínimo, reconciliação e paz... talvez até uma possível reunificação.

A imagem sensacional levava a melhor sobre a fria realidade. A maioria dos sul-coreanos não era a favor de fazer sequer um pequeno esforço financeiro para sustentar o custo económico a longo prazo da reunificação. E a possível reunificação sonhada por Kim Yo-jong e o seu irmão só se daria nos termos *deles*: dominada pela dinastia Kim, portanto, contrária à habituação crescente dos sul-coreanos às liberdades básicas e à afluência relativa. Porém, trazer à baila aspetos tão sérios na euforia do momento parecia perfeitamente mesquinho.

Que Kim Yong-nam, veterano de seis décadas em posições destacadas do governo, tivesse sido nos últimos vinte anos presidente da Assembleia Suprema do Povo, o subserviente parlamento da Coreia do Norte, só interessava a uns poucos especialistas. A maioria dos espectadores sul-coreanos sabia que era a primeira-irmã da Coreia do Norte quem exercia o verdadeiro poder. Segundo a lógica, o facto de Kim Jong-un enviar *a sua própria irmã* só podia significar que ela levava a paz.

O público também sabia intuitivamente que, na Coreia do Norte, a palavra do Líder Supremo tinha muito mais autoridade do que quaisquer estatutos escritos ou cargo governamental. Kim Jong-un era o Estado e as suas palavras a lei inviolável. O que escapava em grande medida ao público era que a irmã dele era muito mais do que uma carinha laroca nas reuniões festivas do irmão e nas suas aparições públicas. O irmão era o rosto da nação, mas ela era a censora principal, era quem fazia cumprir a política. A visita dela às Olimpíadas não era na qualidade de turista ou mensageira. A irmã tinha um propósito.

* * *

Este livro documenta a ascensão de Kim Yo-jong no poder desde a sua visita à Coreia do Sul. O papel dela no governo reforçou-se drasticamente desde 2018, mas já era previsível em 2009. Veremos como ela teve uma participação essencial na política do Estado, alargando o poder da sua dinastia com recurso às lições aprendidas com o pai, Kim Jong-il. Na altura em que escrevo, ela é a número 2 do irmão Kim Jong-un no exercício do poder e o destino da «Linhagem do Monte Paektu» pode estar nas suas mãos.

Um relato fascinante da espetacular ascensão de Kim Yo-jong, a irmã do Líder Supremo da Coreia do Norte

Em 2022, num discurso particularmente inflamado, Kim Yo-jong ameaçou bombardear a Coreia do Sul, lembrando ao mundo o perigo que a Coreia do Norte representa. Como se chegou aqui? Como é que a filha mais nova de Kim Jong-il, a sua «doce princesa», se tornou a implacável propagandista, a administradora interna e a responsável pela política externa do regime totalitário do irmão, Kim Jong-un?

Escrito por Sung-Yoon Lee, estudioso e especialista em história e política coreana, *A Irmã* revela a verdade sobre Kim Yo-jong, o seu vínculo estreito com o irmão, e as lições de manipulação que ambos aprenderam com o pai. Ao mesmo tempo, o autor revela a mão de ferro que a dinastia Kim exerce sobre o seu país há três gerações, as mortes prematuras de membros da família considerados desleais, e os sinais de que Kim Yo-jong foi posicionada como sucessora do seu irmão, caso ele morra enquanto os seus próprios filhos são jovens.

**O retrato da mulher que pode, um dia,
ter nas mãos a sobrevivência da dinastia que governa
um dos mais enigmáticos países asiáticos.**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
penguinlivros

ISBN 9789897873614



9 789897 873614 >